

## A CRIATIVIDADE E A ESPONTANEIDADE NO FAZER TERAPÊUTICO<sup>1</sup>

Trilhas – Equipe de Acompanhantes Terapêuticas de Uberlândia - MG

A Oficina Terapêutica foi agregada às atividades da Trilhas - Equipe de Acompanhantes Terapêuticas, no ano 2000, como um recurso auxiliar no desenvolvimento da criatividade e da espontaneidade dos pacientes por ela atendidos.

Seus Objetivos:

- Desenvolver a espontaneidade e a criatividade do paciente através de atividades lúdicas e artísticas;
- Auxiliar o paciente a expressar-se adequadamente, tanto em relação à própria criação artística quanto no contexto grupal;
- Proporcionar ao paciente um espaço facilitador e catalisador de seus recursos para lidar com o cotidiano.

Estes objetivos são alavancados pelo desenvolvimento da espontaneidade, que é a “capacidade do sujeito se abrir perceptivamente alargando seus horizontes e reconquistar pela ação a continuidade de sentido do mundo que se transforma; é reconquistar-se como parte integrante e atuante na situação; é fazer-se uma presença.” (Naffah Neto,1979).

A espontaneidade seria então um combustível para o ato criador, que busca ampliar a capacidade de enfrentar situações novas. E sendo a espontaneidade um estado, a criatividade é o ato resultante dela.

---

<sup>1</sup> Comunicação apresentada no I Encontro Nacional sobre Acompanhamento Terapêutico, realizado na PUC/SP, em maio de 2003.

## METODOLOGIA

A Oficina Terapêutica acontece três vezes por semana, com duração de uma hora e meia, cada encontro. É um grupo aberto, heterogêneo. Duas terapeutas trabalham em co-direção, deste modo propiciando modelos diferentes de interação grupal.

Os participantes são pacientes em acompanhamento terapêutico da Equipe TRILHAS, ou encaminhados às oficinas por outras indicações terapêuticas, que não necessariamente o Acompanhamento Terapêutico.

As atividades desenvolvidas na Oficina Terapêutica são relacionadas à Arte. O aquecimento para a escolha da atividade se dá através de discussões, visitas a locais especializados (lojas de artesanatos, galerias, etc.) ou às vezes a partir de sugestões de outras pessoas, como um familiar.

Nesta fase, as diretoras procuram intervir o mínimo possível a fim de que o paciente possa experimentar o momento de escolha e decisão. O momento em que a sua voz irá aparecer e que será concretizada na tarefa desenvolvida.

Escolhida a atividade, o grupo vai em busca do aprendizado para realizá-la. Os desafios vão surgindo: o planejamento, o nível de dificuldade da tarefa, a execução às vezes demorada ou resultados nem sempre desejados.

As terapeutas diretoras estimularão o grupo a continuar a atividade, promovendo discussões e trocas de experiências entre os participantes. Dessa forma, novas possibilidades de ação vão surgindo, aprende-se a construir novos significados para as próprias tarefas e a perceber as produções dos outros colegas. Ao final do encontro todos compartilham as sensações e os sentimentos vividos naquele dia, no grupo.

Atividades já realizadas nas oficinas: argila, bijuteria, cestaria em jornal, jogos, música, bordado, pintura, teatro, poesia, mosaico, jardinagem e marchetaria.

## CONCLUSÃO

Em nossa proposta de oficinas terapêuticas, procuramos desenvolver o *fazer terapêutico* no (e em) grupo tendo como foco o desenvolvimento da espontaneidade e a conseqüente abertura para a sua concretização (criatividade). Além disso, avaliamos que os grupos também proporcionam a ampliação das relações sociais e interpessoais e melhoram a percepção e a integração do paciente no mundo que está fora dele, pois no grupo ele deverá ouvir, opinar, negociar e perceber a necessidade de dividir aquele espaço que é oferecido igualmente para todos.

A Oficina Terapêutica leva o paciente a utilizar seus recursos de forma mais eficiente, experimentando novas e criativas respostas para antigos comportamentos e situações.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

Naffah Neto, A. *Psicodrama descolonizando o imaginário - Um ensaio sobre J.L. Moreno*. São Paulo, Editora Brasileira, 1979.